



Exu na encruza é rei, no terreiro, ele é doutor¹: a umbanda e o patrimônio da saúde²

Janaina Gonçalves Hasselmann³

Roberta Barros Meira⁴

Dione da Rocha Bandeira⁵

Resumo: O artigo visa contribuir com as pesquisas sobre as práticas medicinais exercidas em um terreiro de umbanda. Elegemos as figuras de exu e pombagira de forma a desmistificar a representação mítica de ambos no tecido social em que a eles se remete a execução de trabalhos malignos. Nossa proposta de captação de sentidos se apoia no fazer etnográfico para produção de novas fontes, visto a inexistência de estudos que dinamizem a relação saúde-doença por meio dos trabalhos e itinerários de saúde realizados pelo *povo da rua*. Nosso objetivo principal foi relacionar as práticas de cura com o patrimônio da saúde, uma vez que a crença nas potencialidades de exus e pombagiras influenciam a vida de seus consulentes, em um sistema de diagnóstico-tratamento-acompanhamento. Nossa problemática incide basicamente na ausência de pesquisas sistemáticas sobre processos curativos em terreiros de umbanda e sua possível relação com a categoria patrimônio da saúde. Nosso principal colaborador para tal investimento é um terreiro de umbanda localizado no município de São Francisco do Sul, SC.

Palavras-chave: umbanda; Exu; pombagira; patrimônio da saúde.

Exu at the crossroad is king in the terreiro, he is a doctor:

Umbanda and the heritage of health

Abstract: The article aims to contribute to investigations on medicinal practices carried out in an Umbanda *terreiro*. We chose the figures of exu and *pombagira* in order to demystify their mythical representation in the social fabric in which the execution of evil works refers to them. Our proposal for capturing meanings was based on ethnographic work to produce sources, given the lack of studies that dynamize the health-disease relationship and the healing processes performed by the stigmatized

¹ Faz alusão ao ponto cantado: “Estava curiando na encruza, quando a banda me chamou. Exu na encruza é rei, no terreiro ele é doutor. Exu vence demandas, exu é Marabô”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fxlZA4GOC0M>, acesso em: 26 fev. 2022.

² Agradecemos às sugestões dos pareceristas e ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes.

³ Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville /Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7956-1374>.

E-mail: janaina_historia@yahoo.com.br

⁴ Docente do Curso de História e do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville/Santa Catarina, Brasil.).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7739-216X>.

E-mail: rbmeira@gmail.com

⁵ Docente do Curso de História e do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville/Santa Catarina, Brasil.).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5878-769X>.

E-mail: dione.rbandeira@gmail.com



people from the street. In this article, we focused on the dynamics of practices and the entities-assistance relationship. Our main objective was to relate healing practices with the health heritage, since the belief in the potential of exus influences the lives of their consultants, in a diagnosis–treatment–follow-up system. Our problem basically focused on the absence of a systematic research on curative processes in Umbanda terreiros and their possible relationship with the health heritage category. Our main collaborator for this is an Umbanda *terreiro* located in the city of São Francisco do Sul, SC.

Keywords: umbanda; *Exu*; *pombagira*; health heritage.

Exú en la encrucijada es rey en el terreiro, es médico: la umbanda y la herencia de la salud

Resumen: El artículo tiene como objetivo contribuir a la investigación sobre las prácticas medicinales realizadas en un *terreiro de umbanda*. Elegimos las figuras de exú y *pombagira* con el fin de desmitificar la representación mítica de ambos en el tejido social en el que se les refiere la ejecución de malas obras. Nuestra propuesta de captación de significados se basa en un trabajo etnográfico para producir fuentes, ante la falta de estudios que racionalicen la relación salud-enfermedad por medio de los itinerarios de trabajo y salud que realizan las personas en situación de calle. Nuestro principal objetivo fue relacionar las prácticas curativas con el patrimonio de salud, ya que la creencia en el potencial de exús y *pombagiras* influye en la vida de sus consultores, en un sistema de diagnóstico-tratamiento-monitoreo. Nuestro problema se refiere básicamente a la falta de investigaciones sistemáticas sobre los procesos de curación en los templos de *umbanda* y su posible relación con la categoría de patrimonio de la salud. Nuestro principal contribuyente a esa inversión es un terreiro de *umbanda* ubicado en el municipio de São Francisco do Sul, SC, Brasil.

Palabras clave: Umbanda; Exú; *pombagira*; patrimonio sanitario.

Introdução

Os estudos sobre as religiões afro-brasileiras têm demonstrado a heterogeneidade e um vasto repertório que envolve mitos de origem, troca de saberes, indumentárias, toques de tambor, cantos e oferendas, mas também a construção de um patrimônio da saúde com uma imensa diversidade de usos da flora e dos espaços ambientais. Não obstante, é preciso entender igualmente a teia de conexões na esfera da saúde que envolve o mundo invisível das entidades com o território e a sua comunidade. A relação entre o ecossistema encantado e os vivos, a construção de tecnologias de cura e os embates e aproximações com a ciência médica ocidental, a opressão do Estado e da polícia, a demonização capitaneada por outras religiões se fazem presentes ao longo de todo o século XX até os dias atuais (SIMAS, 2021). Dada a proliferação das análises sobre a origem da umbanda, não é intenção da pesquisa promover uma discussão sobre a história da religião, mas sim trazer algumas questões sobre o patrimônio da saúde e os seus diversos atores visíveis e invisíveis.

Embora muitos possam consentir que a encruzilhada seja uma bifurcação em que apenas dois caminhos podem ser apresentados como escolha, tomamos aqui o sentido cosmológico de onde se arreiam as oferendas para exus e pombagiras. Supomos tal qual Rufino (2019, p. 10): “A orientação pela encruzilhada expõe contradições do mundo cindido, dos seres partidos. As possibilidades nascem dos cruzos e da diversidade como poética/política na emergência de novos seres e na luta do reencantamento do mundo”.

O discurso hegemônico da racialidade de tudo e todos pode consolidar algumas compensações sociais importantes para determinados grupos sociais, porém sacrifica as representações que outros têm



de si mesmos, com base em suas trajetórias familiares, acervos culturais, percepções da micro-história em que vicejam as resistências populares, afinal, como afirmava Ariano Suassuna (2002), a esperteza sempre foi a arma do pobre⁶.

A esperteza é uma das características mais salientes entre exus e pombagiras, entidades encantadas pela diáspora africana e que no Brasil gozam um lugar de alta monta nos terreiros de umbanda. Diferentemente das giras de caboclos e pretos-velhos, as festas de exus e pombagiras são disputadas, concorridas, pois ambos são as entidades do panteão umbandista mais próximas dos sujeitos. Por essa aproximação espiritual com os seres terrenos, são portadores de referência de dores que nunca desaparecem da Terra, o que os torna conhecedores do assunto. “Eu amei alguém e esse alguém não amava ninguém”⁷ (YOUTUBE, 2024) e “dói, dói, dói, dói, um amor faz sofrer, dois amor faz chorar”⁸ (YOUTUBE, 2024) são dois pontos cantados⁹, orações musicalizadas, que fazem o couro comer¹⁰ nos terreiros. Ao conhecer esses assuntos, as entidades também são mestres na comunicação, porque são mensageiros entre os homens na Terra e os orixás.

Arautos da comunicação e da linguagem, exu e pombagira podem “provocar o caos para estabelecer a ordem”¹¹, expressão utilizada nos terreiros quando estes provocam confusão. Suas narrativas costumam desconstruir tudo o que é vigente, por sua proximidade com os sujeitos e suas aflições; são astutos em demanda e contrademanda. Por meio de gargalhadas e cantorias, são sedutores e envolventes, debochados e sarcásticos, chamam a assistência para fumar e beber com eles. Não apreciam bajulação e não são comprados, embora os mais incautos possam achar que isso acontece por intermédio de um presente, geralmente bebidas e charutos dispendiosos. Suas curimbas, danças e atabaques, purificam o ambiente. Exu e pombagira são encarregados de realizar limpezas profundas, e sua própria investida em terra¹², o transe já é capaz de trazer axé às pessoas que às vezes aguardam uma fala *tête-à-tête*, mas acabam por se satisfazer em apenas estar no mesmo ambiente alegre dos exus e pombagiras (NASCIMENTO, 2001, p. 110).

Pombagira pode ser lida como insubmissa aos arranjos patriarcais. Mulher de muitos maridos, muitos amores, astuta em relação a traições humanas, rejeições, invejas, amores enrustidos e não correspondidos. No terreiro é chamada de “minha dama”, “minha velha”, “minha rainha”, “minha senhora”, “minha mãe”, alcançando prestígio e autoridade apresentando-se dessa forma e aconselhando homens e mulheres, receitando todo tipo de remédio para feridas que não se fecham. Dificilmente nos atentarmos às orientações de fé e de saúde de uma mulher com esses predicados na família e na trama social. Empoderadas, talvez sejam as primeiras feministas do Brasil, dado seu histórico de chegada às macumbarias em

⁶ Argumento da personagem Nossa Senhora na obra de Ariano Suassuna (O AUTO DA COMPADECIDA, 2000).

⁷ Trecho do ponto de Seu Tranca Ruas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9OPPtm0ms4E>, acesso em: 21 jun. 2023.

⁸ Trecho do ponto de pombagira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tULw37kCgvU>, acesso em: 21 jun. 2023.

⁹ Pontos cantados são orações musicalizadas.

¹⁰ Expressão utilizada nas macumbas para designar duas situações: a primeira diz respeito à troca de couro do atabaque, e a segunda alude à força dos atabaques.

¹¹ Assim se fala dos exus no terreiro quando estes provocam confusões.

¹² Transe.



geral. As damas da noite, conforme também são conhecidas, passam a gira dissimulando, pedindo pontos, quase sempre desafiando os ogãs e/ou batuqueiros com suas danças e cantos. O encantamento da pombagira é ela mesma, sempre atraindo a atenção dos demais e provocando a ordem vigente com suas palavras atrevidas, porém organizando os enredos pela palavra, pelo verbo.

O acervo de pontos cantados de exus e pombagiras também é um instrumento com poder de intervenção. A oralidade está presente o tempo todo. Aprendem-se diferentes expressões da linguagem quando se trata de exus e pombagiras: narrativas, gargalhadas, cantorias. Segundo Prandi (1996, p. 144), “nas religiões afro-brasileiras, todo cerimonial é cantado ao som dos atabaques, e quase todo também dançado”.¹³

Nesse sentido, trabalhamos com suas atividades vinculadas às práticas de saúde. Embora haja exus e pombagiras com atividades muito específicas, incluindo o exu curador, todos são capazes de atender a diferentes encargos, sobretudo ligados à saúde e à doença. Faz-se mister compreender que, para além de reconhecer o poder curativo dessas entidades, as relacionamos com o patrimônio da saúde umbandista, uma vez que os trabalhos relativos à cura envolvem uma série de referências culturais e ancestrais que ocorrem na ordem do divino, pela intervenção de seres conectados às deidades africanas, ou seja, aos orixás (VALE, 2013).

A umbanda aqui tratada é uma religião com panteão em movimento, que acompanha os dilemas do tempo histórico, reelabora espaços na urbanidade, acolhe o adoecimento da matéria e da alma, reconhece o adoecimento da carne e da alma, interpreta à sua maneira os doentes e busca tratá-los. É miscigenada pelos saberes indígenas na figura do caboclo, pelas mandingas elaboradas no sofrimento da escravidão pelos negros velhos, pela magia cigana com suas mirongas de sobrevivência, pela miríade de entidades que a encanta e ainda pelo trabalho emblemático de exu e pombagira. Assim, nosso meio de captação dos sentidos escolhido foi a etnografia participante em um terreiro de umbanda do segmento umbanda sagrada/tradicional situado na cidade de São Francisco do Sul, Santa Catarina¹⁴. Em relação ao trabalho de campo, baseamo-nos em trabalhos desenvolvidos especialmente no diálogo religioso, como por exemplo em Arthur Costa Lopes (2019).

Quem esteve lá ouviu: agora diz que na umbanda sem exu não se faz nada

O terreiro de umbanda trabalha com duas linhas. A linha da direita é chefiada por caboclos e pretos-velhos, e a linha da esquerda, por exus e pombagiras. Lembrando que, em casa de exu egun, é ele quem julga, não uma pessoa física, nosso primeiro passo foi saudar o exu chefe da linha de esquerda¹⁵ e pedir-lhe permissão para acompanhar os trabalhos externos. Logo em uma das giras de exu, da assistência passei para a confluência com minhas demandas. Adentrei no espaço. Prostei-me à sua frente e bati palma

¹³ No entanto, autores como Antônio Eliezer Leal de Souza (2012), ressaltam que as primeiras casas de umbanda no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1920 e 1940, não utilizavam tambores ou dança.

¹⁴ Em relação ao trabalho de campo, baseamo-nos em trabalhos desenvolvidos especialmente no diálogo religioso, como por exemplo em Arthur Costa Lopes (2019).

¹⁵ O terreiro de umbanda trabalha com duas linhas. A linha da direita é chefiada por caboclos e pretos-velhos, e a linha da esquerda, cujos líderes são exus e pombagiras.



três vezes: “Salve sua força, seu Caveira!”. Ele respondeu: “Eu salve daqui, tu salva de lá, minha criança”. Ofereci-lhe um charuto sob o olhar do cambono - sujeito apto em conhecimento para assessorar os exus e pombagiras, acompanhar todos os trabalhos da casa e realizar trabalhos específicos que acompanhava a conversa). “Me diga, fia. O que esse exu pode fazer pela fia que minha comadre (pombagira) não pode fazer?”. “Então, meu velho. Estou fazendo um trabalho pro povo de toga na intenção de dizer que as mirongas dos compadres¹⁶ e comadres também ajudam na saúde do povo, mas não tenho como fazer sem que o senhor diga que posso acompanhar os trabalhos pra fora”. Depois desse episódio, lembro-me de ter levantado de uma apoti (Banquinho para sentar-se, específico para rituais ou conversas entre médiuns) e seu Caveira falar sobre o assunto lentamente:

Fica assim, fia: pode fazer trabalhado. Se isso ajuda meus fios do meu ganzuá (casa) e do ganzuá dos outros compadres e comadres, faça, sim, mas obidicendo o que falo pra fia: sem máquina fria (Fotografia, celulares, computadores, WhatsApp.) pra mostrar eu e meu povo por aí. Meu cavalo¹⁷ não quer atenção pra ele, fia. Não é em todo tabaiado que a fia vai. O cambono avisa a fia nessas coisas frias¹⁸ que vóis usam. Veste branca, firmeza na gazola¹⁹ da fia antes de sair pó tabaiado. Banhado com tapete de oxalá antes de ir. É pó tabaiado, não é pa fuxico do povo da língua cumpida. Isso a fia sabe. Pode fala com qualqué exu e pombagira desse ganzuá.

Toda a fala do exu foi anotada pelo cambono. É ele quem traduz certas palavras e avisa o médium de incorporação sobre o atendimento com suas entidades. Quando seu exu Caveira terminou suas orientações, eu agradei: “*Aueto!*”²⁰. Então, ele pegou na minha mão e perguntou: “*Estamos de trato, fia?*”. Eu apertei e disse: “*Sim, senhor*”. A narrativa de exu é sempre maliciosa, cheia de travessuras que as pessoas só entenderão muito mais tarde. Diz-se nas macumbarias: “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”²¹.

Em tempos de discussão sobre o processo violento de colonização de grupos, corpos, conhecimentos, trabalhar com alteridade é uma atitude desafiadora. Quando a sabedoria dos viventes advém de sua relação espiritual com as coisas? Quando os conhecimentos são narrados por entidades tão populares a ponto de engrossar fileiras de terreiros? Quando o saber é holístico, ancestral? Afinal, o que se reconhece da umbanda?

¹⁶ Fala-se compadre para designar os exus.

¹⁷ As entidades costumam chamar seus médiuns de incorporação de cavalos.

¹⁸ WhatsApp, telefone.

¹⁹ Casa.

²⁰ Obrigado!

²¹ O antigo ditado iorubá já circula há muito tempo entre nós, mas seu uso pelo *rapper* Emicida fez com que se tornasse ainda mais popular, chegando a muitas pessoas que não tinham acesso a ele. É o que hoje convencionamos chamar de furar a bolha. “A beleza dessa assertiva reside, entre outras coisas, em suas múltiplas possibilidades de entendimento e hoje trago uma leitura dela que muito me agrada: a de que as batalhas de hoje já começaram há muito tempo e que Exu está em cada uma dessas lutas desde muito antes até muito depois. O combate de agora não é de agora que se luta”. Disponível em: <https://papocultura.com.br/exu-matou-um-passaro-ontem/>, acesso em: 7 jun. 2023.



A identidade umbandista não pode ser analisada somente por sua cultura material. Os institutos de patrimônio no Brasil têm sido generosos ao ampliar o que se convencionou chamar de cultura imaterial. Exemplo disso foi a criação do Decreto n.º 3.551, de 4 de agosto de 2000. Por intermédio dele, foi proposto o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, que estabelece o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial do patrimônio cultural brasileiro (BRASIL, 2000). Sanglard e Costa (2019) atentam também para certa amplitude nessa categoria que nos interessa ao refletir sobre saúde, doença, tratamento, bens culturais, cultura imaterial, identidade.

Desse modo, este trabalho buscou analisar pelas frestas do projeto colonial o patrimônio da saúde que merece ou não ser celebrado, rememorado, preservado e salvaguardado. Entendemos que as frestas não são metáforas, mas um conceito em que grupos marginalizados podem e devem redefinir estratégias de sobrevivência (DAMÁZIO, 2011). Estamos cientes de que passes, fundangas²², ferros e pós mágicos fabricados por espíritos ancestrais não são pensados como ferramentas de cura pelo conjunto da sociedade, mas para a identidade umbandista esses recursos amenizam as dores para as quais a medicina convencional não prescreve receita, como, por exemplo: a falta de emprego, a solidão, a dor da partida de entes queridos, a traição não esquecida, o amor não correspondido, a rejeição, entre outros motejos que também se associam à saúde na concepção desta pesquisa. Afinal, exu conhece todos os caminhos e todas as línguas.

Eu rezo uma oração de trás pra frente²³

Após a conversa que tive com seu exu Caveira para acompanhar os trabalhos de rua, fiquei no aguardo por um bom tempo, cerca de dois meses, até o cambono vir à minha casa. Para minha surpresa, seu Caveira estava em terra e pediu ao cambono que me acompanhasse até a consulência. Ele me avisou que o trabalho de hoje era *simples*; seria firmada uma trunqueira²⁴ no portão da casa de um assistido. Segundo seu exu Caveira, vários tratamentos haviam sido realizados para essa pessoa e seriam feitos outros tantos para afastar a maldição familiar que a seguia nessa vida. Eu perguntei o que ela sentia, esperando respostas como vômitos, náuseas, fadigas, pavor noturno. “*Remorso, fia*”. Ele seguiu com inúmeras questões ao mesmo tempo:

Eu vago nessa terra fria tem muito tempo. Minha falange²⁵ de caveira é muito antiga. Alguns de nós, como eu, tamos com os homens desde o pincipado das coisas. Ou vóis pensa que nós tá aqui ingual vóis inscreve nos papiro de ocêis, quando os povo se incontraro e se exploraro uns aos outros? Ou quando Zéio cumeçô com os umbandadô? [risadas] Seu ancestral mais proximo é Padilha, fia. Agora conta nos dedo quantos de vóis têm pa trais? Quantos desses podem tê sido abandonado na vala quando ficaro inferno? Quantos morrerô de fio ou da fome castigada? Que a famia deixou assim. Isso é o que vejo no moço que vóis vai ver hoje. Remorso. E remorso chama obsessô, fia. Pode ser a miô vivente, a iluminada de aruanda, e mesmo assim os zombetero vêm

²² Pólvora.

²³ Trecho de um dos pontos cantados de Exu Caveira.

²⁴ Assentamento de exu guardião do portão.

²⁵ Agrupamento de exus e pombagiras.



pertubar. É por isso, fia, que nessa terra, fia, se anda reto, fazendo o bem. É a miô prevenção de todas da saúde que a fia tá escrevinhando [risadas].

Nisso, o cambono pediu agô²⁶ à nossa conversa e avisou exu Caveira que ele precisava subir²⁷ e seu menino²⁸ descansar, para logo mais seguirmos para a casa do consulente. Os ogãs afinaram o atabaque e cantaram:

Ê Caveira, afirma ponto na folha da bananeira, Exu Caveira. Ê Caveira, afirma ponto na folha da bananeira. Ê Caveira, afirma ponto na folha da bananeira, Exu Caveira. Ê Caveira, afirma ponto na folha da bananeira. Quando o galo canta, é madrugada. Foi exu na encruzilhada batizado com dendê.

Rezo uma oração detrás pra frente, queima o fogo. A chama ardente aquece exu, laroyê. Eu ouço a gargalhada do diabo, é Caveira, um enviado do Príncipe Lúcifer. É ele quem comanda o cemitério, catacumba tem mistério, seu feitiço tem axé. Ê Caveira, afirma ponto na folha da bananeira, Exu Caveira. Ê Caveira, afirma ponto na folha da bananeira. Na calunga, quando ele aparece, credo e cruz eu rezo prece pra exu, dono da rua. Sinto a força deste momento e firmo meu pensamento nos quatro cantos da rua. E peço a ele que me proteja onde quer que eu esteja ao longo dessa caminhada. Confio em sua ajuda verdadeira, ele é Exu Caveira, senhor das encruzilhadas. Ê Caveira, afirma ponto na folha da bananeira, Exu Caveira. Ê Caveira, afirma ponto na folha da bananeira.

Conforme se pode analisar, vários elementos da cosmologia cristã aparecem nesse ponto cantado e também em muitos outros. Enquanto nos pontos de caboclos e sobretudo de pretos-velhos os pontos trazem relação amistosa com o acervo cristão, os pontos de exu caminham para a afronta. Geralmente, são os exus e as pombagiras que cantam seus pontos, muitos já existentes para dizer se são quimbandeiros, juremeiros, catimbozeiros. O trânsito com outras expressões de várias religiões é comum e não causa nenhum incômodo na hora das giras, do encantamento do canto, da dança dos exus e pombagiras, das gargalhadas, quando eles estão em terra. A força do ponto cantado já é uma arma contra espíritos obsessores. O ponto *per se* já é um instrumento de afastamento de forças negativas que vêm adoecer a alma dos presentes, encarnados ou desencarnados. Axé, essa força vital, celebra a vida plena que prospera também no ponto cantado (MARTELLI; BAIRRÃO, 2017).

Embora as ferramentas de saúde utilizadas na umbanda incluam uma boa convivência entre os vivos e também entre vivos e mortos, estes, por sua vez, apresentam influência positiva e negativa quando afetam a saúde de um assistente. Porque a concepção de saúde para o umbandista e outros sistemas religiosos é holística, enquanto as concepções de saúde da medicina convencional interagem com o fisiológico, o mental e o psíquico e não pensam de forma decolonial, ou seja, levando em consideração a diversidade cultural do povo brasileiro. Vejamos a proposta da Base Nacional Comum de Saúde:

²⁶ Desculpas, licença.

²⁷ Precisa ir embora.

²⁸ Maneira de chamar os médiuns pelas suas próprias entidades. “Meu menino, meu cavalo, meu aparelho”.



A concepção abrangente de saúde assumida no texto constitucional aponta para “uma mudança progressiva dos serviços, passando de um modelo assistencial, centrado na doença e baseado no atendimento a quem procura, para um modelo *de atenção integral à saúde*, onde haja incorporação progressiva de ações de promoção e de proteção, ao lado daquelas propriamente ditas de recuperação” (BRASIL, 2005).

Pari passu, não podemos negar que a umbanda conquistou uma posição importante para cultura brasileira: é reconhecida como patrimônio imaterial.

Ao considerar a Umbanda como patrimônio cultural de natureza imaterial, o Estado, cria condições para através do discurso da legalidade, resgatar toda a tradição oral experienciado em cada terreiro. A maioria das pessoas que professa qualquer credo, normalmente acredita em elementos de outras religiões, sem causar estranheza e dessa forma, a Umbanda expressa de uma forma singular esse sincretismo religioso, encarado como natural na expressão religiosa brasileira (BALDIOTTI; RICHARTZ, 2020, p. 12).

Todavia, acreditamos que situar as práticas de cura da umbanda como patrimônio da saúde possa contribuir em outros sentidos. Primeiramente, localizando nela o próprio povo brasileiro e suas buscas alternativas à medicina convencional, mapeando que outras situações lhe causam doenças ou agravam enfermidades. Afinal, o que os médiuns e assistidos da umbanda estão percebendo como sistemas adoecedores e sistemas curativos? A saúde/doença reside somente no corpo material, na mente e na psique dos sujeitos?

Nos percursos trilhados nesta pesquisa, fui acompanhar a firmeza de uma tronqueira. Tronqueira, segundo as palavras de Exu Caveira, é um campo energético plantado no portão da casa de alguém que precisa da proteção contra espíritos de baixa vibração que acompanham o vivente até sua morada. Não é um trabalho para o indivíduo, e sim uma fortaleza em que um exu específico guarda os portais mágicos. Exu Caveira já havia pedido à pessoa, uma senhora de 60 anos, católica, mas também macumbeira, como ela própria se apresentou, uma série de elementos, entre eles ferro, sementes e favas (não especificado) para plantar embaixo de uma “*casinha*”. Quando chegamos, a senhora estava preparando um ipadê para colocar dentro da casinha. Oferecido a exu, ipadê é um preparo de farinha de mandioca e dendê, ou também de mandioca e cachaça, mandioca e azeite doce²⁹, entre outros líquidos que dependem da intenção. Esse era de cachaça, conforme as orientações anteriores que recebera no terreiro.

Essa tronqueira foi confeccionada artesanalmente com sobras de madeira de modo desmontável, para facilitar eventuais deslocamentos e a necessidade de mexer no solo no qual foi assentada. Não existe um modelo exclusivo de confecção, até porque as tronqueiras são diuturnamente acompanhadas pelo exu que planta seu axé embaixo da terra. A casa em cima da tronqueira serve para resguardar a mágica e oferecer determinados agrados ao exu sentinela do portão. Tal exu não é Seu Caveira, nem o exu pessoal do médium, e sim um exu da confiança daquele que planta o axé.

²⁹ Azeite de oliva.



O nome do exu sentinela não é mencionado, para que pessoas mal-intencionadas não saibam o caminho daquela moradia, muito menos possa com essa informação fazer contra-axé com a família. Embora seu nome não seja mencionado, ele também precisa ser tratado para que sua energia esteja sempre ativada. Tal exu, que é um ser desencarnado, também precisa evoluir no seu plano espiritual. Por tal motivo, todas as segundas-feiras a tronqueira recebe ipadê ou frutas, além de bebidas destiladas, muila³⁰ acesa, cigarros ou charutos, artefatos que sejam receitados pelo exu responsável pela confecção da sentinela.

Seu Caveira falou com a médium após todos os encaminhamentos serem cumpridos: “*Tá miô, fia? Confiante?*” Ela replicou: “Ô, meu pai, agradeço. Vamos ver se agora vai”. Então, Exu Caveira respondeu longamente com uma repreensão³¹:

Fia, nós pode fazer todo tipo de tabaiado, mas se a fia não acertar esse ori³² não tem santinho que dê jeito nas perturbações de vóis. Não tem capa branca com as boletas nem os capa preta com as mandingas. A fia tem feito as receita dada pelos butucudos³³? Toma banho forte³⁴? Oferece um agrado pra nós nas encruzilhadas? Não faz, fia, nem balança o mutuê³⁵ pra eu que se estou aqui mais uma vez é porque fia não usa as armas que foram ensinadas. E óia que nós já ensina pra vóis não depender de nós. A fé se vê num vivente que firma uma muila pro seu santinho devoto. Vóis precisa dos espetáculo dos exu e nós não é bufão³⁶. Veja esses humilde que acompanha eu pra fazer os trabaiados pra vóis. São vivente de carne e osso que sangra igual vóis. Têm medo dessa feitiçaria³⁷ espaiada pela terra, mas saem do conforto da gazola deles com medo de pegar essa porcaria pra vir na gazola de vóis e ouvir “vamos ver se agora vai”. A senhora, minha fia, é que tem de sair do lugar com os pópios cascos³⁸.

Dados a popularidade da umbanda e o fato de seus préstimos não serem cobrados em muitos segmentos da religião, parece um fenômeno comum os consulentes recorrerem aos trabalhos estabelecendo uma relação de dependência, como se pode observar nessa fala do exu. Também é recorrente não responder a exu quando ele está narrando algo, nesse caso um tipo de sermão que serve a qualquer pessoa que professe a fé. Desta feita, refletimos sobre as carências das pessoas e até onde a umbanda e seus métodos curativos podem de fato oferecer um bom tratamento a seus fiéis e assistidos.

³⁰ Vela.

³¹ Fala-se também barravento de exu.

³² Cabeça.

³³ Caboclo de pena.

³⁴ Banho de cachaça e fumo.

³⁵ Cabeça.

³⁶ Palhaço.

³⁷ Refere-se à Covid-19.

³⁸ Pés.



Segundo Allan Barbieri (2021), sacerdote umbandista e intelectual, o feminino transgressivo personificado pelas pombagiras baixou³⁹ nos terreiros com o movimento feminista da década de 1960. Com isso, não se quer dizer que as pombagiras são fruto desse contexto, ou que antes disso não havia espíritos de pombagiras transitando em várias vertentes da religiosidade brasileira, e sim que o agrupamento das falanges de pombagiras nos terreiros ocorre em meio à efervescência da luta das mulheres contra o patriarcado. Essa personagem do imaginário popular das bruxas e feitiçeras atribuída a elas desembarcou no Brasil de Portugal, principalmente por ocasião das mulheres condenadas por feitiçaria e das ciganas degradadas. Nesse contexto histórico, surgiu então Maria Padilha e sua quadrilha⁴⁰, seguida da falange de Maria Navalha (BARBIERI, 2021).

Neste trabalho etnográfico, tive o prazer de acompanhar uma Maria Padilha. Extrovertida e debochada, zelosa. Essa entidade acompanha um senhor de 77 anos desde que ele tinha 12 anos. Na primeira conversa com ela sobre o que estava fazendo, pedi autorização a ela também, pois sabia que levar em consideração apenas a permissão do exu chefe do terreiro seria um desaforo. Em meio a um abraço muito carinhoso, suas primeiras palavras foram:

Fia, deixa essa veia bruxa te dizer: não quera seu pé de carça aos seus pés. Home tem é que comer na mão de vcs. Qualquer vivente nos cascos de vcs não serve pra nada. É isso que digo pra toda besta que vem me pedir pé de carça. Vá trabaiaí, cuide de seus erês⁴¹. Vóis enfiam tudo que é pé de carça na gazola de vóis. Erezico vai crescê vendo a mãe de homem com homem e acha que a vida é isso, que sem home não se vive.

E, sem que eu pudesse dizer nada, cantarolou em meio a baforadas em sua cigarrilha.

As entidades de umbanda, no geral, utilizam o álcool e o fumo como elementos purificadores, esse é o objetivo. Eles trabalham mesmo quando algum incauto pensaria ser uma atitude aleatória ou um momento de exclusivo prazer. Perguntei: “*Minha velha, a senhora não quer que eu participe dos trabalhos com a senhora?*”. Ela respondeu: “*Do que a fia fala?*” Eu: “*Quero falar basicamente que o que a senhora faz aqui ajuda na saúde das pessoas*”.

[Risadas] Fia, se a fia fala que nós trabaia com saúde, quem é nós pra dizer que não? Vóis arrumam cada coisa pra nós. Outra vez veio um moçico que queria fazer um tabaiado de escola, pa dizê que nós não é o demonho. Se ocêis dizem [risadas]. Nós não se explica, a fia sabe disso. Mas a fia vem com eu sim, vamo pra kizomba que a fia aguenta as marimba. Mais, a menina precisa se cuidar, nós tabaia com as energia densa. Nós não é bugre que passa foia nocêis. E quem tá com nós precisa se calçá. Aquele povo lá de tráis vai vir perturbar a fia de tudo quanto que é jeito, mas a fia tem minha potência. Vai o nome da minha falange aí nesse tabaiado? Porque eu quero! Se o cumpade é humilde e não quis, besta dele, é homem. Pode se dá esses luxo bobo, né, fia? Anote

³⁹ Chegou ao terreiro.

⁴⁰ Falange, no entanto, no caso de Maria Padilha, fala-se muito em quadrilha.

⁴¹ Espírito de criança.



no escrivinhado que sou Maria Padilha das Sete Encruzilhadas, tive sete home, larguei todos. Mas meus fios eu não largo nunca. Vem cá dá abraço em Padilha.

Quando perguntei a Dona Padilha que segredos guardam a cabaça, ela respondeu: “*Segredos, fia? Cousas que vóis usariam uns contra os outros se pudessem? A comadre te deu uma?*”. Eu respondi que sim, mas precisava que ela falasse um pouco como ela utiliza a dela, até porque cabaças guardam mirongas diferentes. Então Dona Padilha compartilhou um pouco do seu conhecimento:

Exu que é exu, pombagira que é pombagira tem seus feitiços e onde arriar eles fia. Nós usa muito a natureza a nosso favor e a de vóis. O que tem dentro das cabaças antes de virar bibelô de exu? Sementes. Cabaças podem rodar pelos rios, rolar pelas pedras, e as sementes ficam ali sem bambear. Nós têm muitas cabaças pra guardar cousas com intenções diferentes. Essa formosa eu não falo. Mas tem uma que é feita de pó de noíses⁴², gengibis⁴³, cravo, canela, anis. Tudo raladinho até virar pó no pilão, feito sempre pela mão do médium. Esse nós usa pra soprar nas fuças do doentado e ele acordar. O chero é bão, mas tudo que tá ali é nobre pa nós. Tem as de pó de bicho morto, inseto que os médium sopram no tempo pra que os inimigo se afaste. E tem as de foias que inté vóis usam pra melhorar dos doençado, né, fia? Aroera, amoreira, binco de pinesa, catinguera, e assim vai.

Nesse mesmo dia, ainda era cedo, fui à casa de uma médium de bastante tempo de terreiro. Dona Padilha havia me avisado que a pessoa, uma mulher, faria um trabalho de banimento de ataques negativos que estavam sendo enviados por um ex-companheiro não convencido do término da relação. Esses ataques negativos seriam sentimentos de fúria que poderiam se materializar em gente gurfando⁴⁴. Os espíritos maléficos poderiam aproveitar-se da raiva sentida pelo ex-amor e atormentar ainda mais a vida da mulher.

Chegando à casa da mulher, fui recebida com um sonoro “*Você só está aqui porque Dona Padilha mandou*”. Apresentei-me e perguntei se ela sabia que eu estava ali para registrar o processo do trabalho dela e se ela poderia me explicar algumas coisas. Nisso, ela respondeu que sim e se desculpou pelo ocorrido no portão, que ela vinha se sentindo exausta por conta do enfrentamento que estava passando.

Foi então que entendi que Dona Padilha me pregara uma bela de uma peça quando a médium disse que primeiramente levaríamos uma entrega na encruzilhada para agradecer as pombagiras. A moça não tinha veículo e chamaria um Uber. Eu estava de carro. Disse a ela que a levaria, assim poderia acompanhar o arreo para as pombagiras. A oferenda, já pronta, fora armazenada em uma bacia para ser entregue na encruzilhada.

Os dois recipientes, chamados coités⁴⁵, servem para armazenar bebidas, preparos e tudo o que tem consumo rápido. Os coités armazenavam os padés que a mulher ordenara conforme o gosto de sua

⁴² Nozes.

⁴³ Gengibre.

⁴⁴ Morte, morrendo.

⁴⁵ Recipientes confeccionados com coco seco.



pombagira, que, embora não trabalhe de frente⁴⁶, tem a habilidade de adoçar⁴⁷ situações e pessoas. Por isso, os chamados docinhos finos: ameixa, damasco, tâmara e pêssego. O padé, que geralmente tem como base alguma farinha e um elemento líquido, foi preparado com farinha de mandioca e com o caldo da lata de pêssegos. Ela levava também outro recipiente confeccionado com casca de coco com tampa em que armazenava folhas secas da preferência de sua moça⁴⁸. Esse recipiente só é utilizado quando ela sente que precisa temperar o ajeum⁴⁹ no momento da entrega. Caso sua mediunidade faça a indicação, ela usa ou as folhas secas ou borriфа o perfume de sua senhora⁵⁰. O incenso é para defumar o chão que vai receber o arreio. Então, monta a mesa com as folhas de mamona e serve à mesa das pombagiras.

Ao chegarmos à encruzilhada, em um bairro da cidade onde as ruas são de barro e as casas se mantêm distantes umas das outras, a médium encontrou uma roseira de flores na cor salmão. Ela tratou de recolher algumas flores e montou dois buques, além de reservar outros ramos. Perguntou-me se eu tinha cigarros, ofereci-lhe a carteira, ela acendeu dois e juntou-os à oferenda. Segundo a médium, um presente seria destinado à pombagira Figueira, sua guardiã pessoal, e o outro para a pombagira de sua mãe carnal, Dona Maria Mulambo. “*Mulambo também está no meu caminho*”, disse ela. Quando se abaixou para realizar seus pedidos, eu me afastei, para que ela ficasse à vontade com aquele trabalho, haja vista que todos os pedidos, para fazerem efeito, devem ser realizados no tempo, em lugares abertos como matas, ruas, estradas, praias etc. É necessário que as entidades evocadas reconheçam a voz dos médiuns. Desse modo, mantive-me bem afastada dela para não ouvir a conversa.

No caminho de retorno, conversamos sobre os pedidos, que são aceitos ou não. Aqueles que dizem respeito a paciência, resiliência, saúde, visão, inteligência, caminhos abertos ou abertura de novos são sempre respeitosos com as atribuições dos exus e pombagiras. Em razão disso, há mais chances de serem acolhidos.

Ao retornamos para a casa da médium e assim iniciar os trabalhos de banimento da energia dos espíritos obsessores, ela primeiramente distribuiu os ingredientes sobre a mesa de sua cozinha para que eu pudesse fazer o registro. Acredito que o nervosismo de não saber quem estava na sua casa e ter de obedecer a Dona Maria Padilha tenha dificultado nossa relação, porém a própria densidade do trabalho e a inicial vulnerabilidade dela diluíram qualquer entrave, visto que ela se mostrou paciente para auxiliar no meu trabalho.

Para esse arreio, foram utilizados quatro maçãs⁵¹, mel, pó de ouro, canela em pó⁵², canela em pau, noz-moscada, anis-estrelado, açúcar, quatro papéis com o nome de quatro pombagiras, um ralador para transformar as especiarias em pó, um perfume, flores que a médium trouxera do trabalho na encruzilhada

⁴⁶ A entidade de frente da médium é um exu. Geralmente, os médiuns trabalham com um casal, exu e pombagira, mas apenas um deles é a frente, o ancestral herdado pela linhagem familiar astral.

⁴⁷ Amenizar.

⁴⁸ Pombagira.

⁴⁹ Comida.

⁵⁰ Pombagira.

⁵¹ As maçãs são as frutas preferidas das pombagiras. No feitiço é possível abrir a fruta, fazendo tampa, e assim armazenar nomes escritos em papéis. Na maçã também é possível fazer incisões quase invisíveis na posição vertical.

⁵² São utilizados elementos finos, de pouco peso, de aromas adocicados.



e folhas de mamona. Após as armas de proteção terem sido montadas, ela levou à panela o açúcar para caramelizá-lo e dispô-lo nas maçãs, fechadas com o nome, a flor, o mel, os condimentos aromatizados e o pó dentro delas. No entendimento da médium, o trabalho em si é um processo que já traz esperança de mudança para ela. O banho doce tomado antes de realizar qualquer ritual, o firmamento⁵³ da tronqueira, o cuidado em separar os ingredientes, em selecionar as melhores frutas do hortifruti, a retirada da mamona do mato alheio já lhe despertam para mudanças positivas que, por ora, aliviam sua alma atormentada.

Antes de fechar as maçãs, ela explicou que sopra o pó de sua cabaça dentro delas para que cada pombagira reconheça sua voz e seu desespero. Ela alegou que já estava sentindo a vibração das quatro falanges acionadas: das caveiras, das encruzilhadas, das almas e das catacumbas. Disse ela que, para lidar como filtro contra os espíritos trevosos, as pombagiras desses agrupamentos são sempre as melhores, porque seu poder relacionado à morte tem mais condições energéticas tanto de encantamento, causando paralisia e submissão aos seus interesses, quanto de encaminhamento desses espíritos à procura de ajuda certa, que seria nos terreiros. Depois de prontas, as maçãs foram postas uma em cada canto de sua casa, do lado posterior da residência; o feitiço representava em cada canto um encanto: vigilância, proteção, resistência e persistência.

No decorrer da pesquisa encontrei nas abordagens holísticas mais proximidade no que se refere à saúde. Em outras perspectivas que tentam incluir a espiritualidade no entendimento da relação saúde-doença, ainda há resíduos de uma concepção racionalista que lança mão de esquemas técnicos, todavia têm pertinência suas reflexões (RÖHR, 2010).

A espiritualidade enquanto matéria de saúde não se condiciona à religião institucional. A experiência da religiosidade é uma jornada única, individual e intransferível, mas a confiança em repetir as práticas de saúde da umbanda numa interlocução ancestral, histórica e comunitária, no conjunto, acaba por trazer ao debate os bens patrimoniais de uma identidade. Exus e pombagiras compartilham seus conhecimentos geralmente utilizando os mesmos elementos de um meio ambiente localizado. Exemplo disso foram as rosas colhidas no caminho para a oferenda. Frutas que se não são plantadas em casa, considerando o processo de gentrificação, novos projetos de moradia que não facilitam o cultivo de plantas relacionadas às suas práticas, podem ser adquiridas facilmente no comércio local. Situando a questão da moradia e das plantas de uso de exus, registrei o caso de um médium que mora em um geminado e acaute-la sua cabaça no próprio terreiro, fato que gerou desconforto entre os membros e precisou da intervenção do seu Caveira:

Então, quando vóis vão nos capa branca, vóis também fica de zóio de gaitaca nos escrivinhado dos doto? Ocêis são besta de querer ter o mesmo problema do que o outro que foi atendido? Quando nós, entidade que vocês chama, diz que os viventes dessa terra fria são todos doentes, vóis acham que são os otro? Vóis é até mais, poque vóis vieram até aqui, uns pela dor, outros por amor, mas estão todos aqui pra se curar, pra cuidar do cumutê.

Para esse médium especificamente, foi solicitado que sua cabaça fosse mantida com alguma flor fálica para ser emanada constantemente pela força vital masculina. Curioso notar que, quando

⁵³ Conforme dito neste texto, as tronqueiras precisam sempre ser tratadas especialmente quando é realizado algum trabalho na casa.



as especificidades entram em jogo, respeitando as demandas pessoais de cada um, o ciúme dos outros irmãos ou mesmo consulentes desperta. Pelo menos fiz essa relação com uma das doutrinas⁵⁴ de seu Caveira no terreiro, quando ele reclamou da falta de entendimento dos médiuns e fez analogia à relação médico-paciente.

Considerações finais

Embora estivesse calçada de referências literárias sobre o assunto, foi no período da pesquisa que entendi de fato porque a etnografia não é um método, mas um meio de obter dados. Esse despertar é rápido quando o pesquisador depara com a experiência humana, que é vida em movimento. Etnografar não é um fim, nem um produto. É um processo que só ocorre na aliança com o outro, com suas aberturas e limitações. Realizar a pesquisa é produzir conteúdo, porém ela não se faz solitariamente, como no caso de uma pesquisa em história oral em religião, com a qual estava mais acostumada enquanto pesquisadora e na qual é possível conduzir a entrevista, com imprevistos sim, mas sem a explosão do divino. Podemos dizer que reconhecer esse tema é, antes de tudo, reconhecer os envolvidos enquanto agentes partícipes da pesquisa, sem escondê-los.

Ao passo que o campo foi atendendo às minhas expectativas, ou pelo menos respondendo ao meu roteiro prévio, seu Exu Caveira sempre fazia questão de saber como eu estava *espiritualmente* falando. Na última de nossas conversas sobre a pesquisa, ele me alertou para desafios que aconteceriam nessa caminhada e me preparou uma receita de *morte*:

Fia, vóis, que é médium, antes de qualquer coisa uma médium, sabe que mexer com esses trabaia-dos tem seus pobemados. Os espíritos do atraso, da inveja e da ganança virão atrás da fia, a fia vai bambeá, mais não pode cair. A fé da fia em nós vai se esmorecer, e a doença vem, fia. Vem bem nesse tabaiado de saúde que a fia tá fazendo. Mais Xangô rei tem seus escoidos. Não perde nunca, fia, esse poder natural de juntar os diferente, o povo. Porque é isso que vão querer tirar da fia, essa sua coroa de fia de rei, que brilha e brilha muito. E antes que a fia venha se desdenhá do falatório desse esprito veio, escuta. Sabes que sou o exu ligado à morte, não sabe, fia? Eu sou morte e vida. Aí os besta nessa terra que entendem errado acham que esse exu faz os outro gurfar. Não, fia, eu faiz morrer, sim, os vício, as maldade, as inveja, as falsidade, a fome, o desemprego, a desunião. Mas tem que saber me pedir, e poucos nessa terra fria entende a falange dos caveira. Eu quero que a fia espere um lua mingunte pra cozer um patuá e nele escrivinhá todas as coisas ruim que a fia precisa que morra. Fecha e aí enterra na calunga⁵⁵ pequena, perto da cruiz das alma bendita.

Reconhecer a autoridade do exu enquanto chefe do terreiro e tentar amparar-se na negociação com ele para poder realizar a pesquisa não são tarefas que começam e terminam aí. Não estamos falando de um líder empresarial ou sindical que vai cancelar meu trânsito pelos departamentos de uma indústria, escola, ou ainda um museu. Exu é uma entidade conhecedora de feitiços, descarregos, perseguições,

⁵⁴ Um tipo de palestra, porém com narrativas que se entrecruzam.

⁵⁵ Cemitério.



traições e de todo tipo de enfermidade que possa acometer os vivos. Exu não tem a capacidade de tirar esses obstáculos do caminho, mas pode favorecer os crentes em relação a *métodos preventivos*. Porém aquele aviso me pegou de surpresa, de um jeito que só posso narrar o acontecido, mas não a sensação de que o tempo parou, de que os barulhos das obras que cercam o terreiro cessaram, e eu fiquei me perguntando se tal episódio seria discutido no texto científico. Prefiro registrá-lo, tendo em vista que minha investigação pessoal estava e continua interessada nos fenômenos ligados à saúde. Na trajetória da pesquisa encontrei dilemas semelhantes e que precisam ser refletidos em razão dos temas que envolvem os pesquisadores nessa teia de sentimentos (VIANA, 2020).

Para a elaboração deste texto científico, buscamos primeiramente elencar as problemáticas que envolvem a umbanda, uma religião que no universo acadêmico dedicado aos estudos da religiosidade afro ainda tem sido pouco estudada. Suas entidades feiticeiras narram elementos da natureza e que também se encontram presentes em outros sistemas religiosos e trabalham com eles. Esta é a característica marcante da umbanda: uma religião em movimento. Para Simas (2022, p. 9):

Conexão entre vivos e mortos, interação profunda com o ambiente, ritualização dos corpos, *tecnologias diversas de cura*, grande pluralidade de práticas dessas tecnologias, flexibilidade para adequar ritos ao tempo e ao espaço de suas práticas estão presentes em praticamente todas as designações que se autorreferenciam como “umbanda”.

Com base nessas tecnologias de cura, trouxemos à luz dos debates sobre patrimônio práticas curativas que envolvem espíritos, sujeitos, floresta, mercado, flores, plantas, sementes e principalmente acolhimento de dores que trazem malefícios à matéria, à mente, à psique e à alma, tudo interligado, alertando para enfermidades que não estão localizadas, mas são sintomáticas, afetando o sujeito no seu conjunto, doutores não convencionais como exu e pombagira, terapias que conjugam doutrina e aconselhamento, como o caso de violência de gênero e proteção no sentido preventivo, além de banimento. Com isso, não queremos igualar a umbanda à medicina convencional, e sim apontar suas próprias epistemes que às vezes convergem com a relação médico e paciente, como no caso do conflito gerado por dependência. Todavia, são completamente diferentes quando analisam o consulente e o médium no seu todo e intercedem por mais olhares para poder atender seus doentes quando chamam atenção para a necessidade de serem acompanhados pelos *capas brancas*.

Assim, acreditamos que o patrimônio da saúde umbandista agrega muitas tecnologias e agentes, principalmente exus e pombagiras, atores tão incompreendidos, por vezes demonizados, quando exploram todas as possibilidades de ajudar os assistidos. Mesmo quando algumas doenças ou condições são de ordem cármica, os sujeitos continuam recebendo tratamento de suporte espiritual por toda a vida. É o caso daqueles que apresentam síndromes e transtornos “irreversíveis” para a ciência, mas não para o olhar da umbanda, que tem como princípio preparar a passagem desses vivos para seu desencarne e para outra vida.

Seja como for, as novas demandas e as visões mais ampliadas sobre o patrimônio cultural permitem novas formas de ação mais inclusivas se pensarmos na herança cultural-religiosa e na diversidade das tecnologias curativas que foram sendo construídas no Brasil. É preciso recorrer a novos métodos, como a



etnografia, para chegar a uma análise mais consistente da história e do patrimônio cultural das religiões afro-brasileiras. A perseguição e a violência tornam mais difícil, mas não impossível, o acesso aos dados sobre um longo período de atuação da umbanda nas práticas da saúde, assim como os registros e a proteção das memórias dos atores envolvidos, desde os assistidos até os exus e pombagiras. Por essa trilha, temos a possibilidade de avançar nas leituras sobre o patrimônio da saúde e a história das religiões afro-brasileiras.



Referências Bibliográficas

- BALDIOTTI, Gracielle Rafaela C.; RICHARTZ, Terezinha. Da fronteira da invisibilidade para o discurso da legalidade: a umbanda como patrimônio cultural de natureza imaterial. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 6, n. 3, 2020. <https://doi.org/10.23899/relacult.v6i3.2013>
- BARBIERI, Alan. *Pombagira*. Mariwô: São Paulo, 2021.
- BRASIL. *Base Nacional Comum de Saúde*. Brasil, 2005. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/livro092.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- DAMÁZIO, Eloise da Silveira Petter. *Colonialidade e decolonialidade da (anthropo)logia jurídica: da uni-versalidade a pluri-versalidade epistêmica*. 295f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- LOPES, Arthur Costa. Diálogo inter-religioso e pesquisa-ação participativa: desafios à etnografia. *Religare*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 494-517, dez. 2019.
- MARTELLI, Thaís Morelato; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques Barrão. Espíritos compositores e instrumentistas: a música na umbanda. *Psicologia em Estudo*, São Paulo, 2017.
- NASCIMENTO, Afonso Roberto Adriano do. Exus e pombagiras: o masculino e o feminino cantado nos pontos de umbanda. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 2, p. 107-113, jul./dez. 2001.
- O AUTO DA COMPADECIDA. Direção: Guel Arraes. Produção: Guel Arraes. Local: TriStar Pictures, 2000.
- PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e educação. In: RÖHR, Ferdinand (org.). *Diálogos em educação e espiritualidade*. Recife: Editora da UFPE, 2010. p. 13-52.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- SANGLARD, Gisele; COSTA, Renato da Gama Rosa. Patrimônio cultural da saúde: uma década de reflexão e atuação sobre o campo. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 11, n. 20, jan./jun. 2019.
- SIMAS, Luiz Antônio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- SOUZA, Antônio Eliezer Leal de. *O Espiritismo, a magia e as sete linhas de umbanda*. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2008.
- SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. Rio de Janeiro, Agir, 2002.
- SIMAS, Luiz Antônio. *Umbanda: uma história do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- VALE, Johnatan Ferreira Marques. *Religião e saúde: relações entre a umbanda e a medicina nas práticas de cura*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- VIANA, Luciano Von der Goltz. Rumos e percursos incertos de uma ciência à deriva: reflexões sobre paradoxos em torno dos limites e potencialidades da etnografia. *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, fev. 2020.
- YOUTUBE. Ponto de pombogira dói dói dói dói dói, um amor faz sofrer, dois amor faz chorar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z6lk-SWZMOK>. Acesso em: 25 de jul. de 2024.
- YOUTUBE. Tranca Rua - Eu amei alguém mas esse alguém não amava ninguém. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7YoIW1zY0is>. Acesso em: 25 de jul. de 2024.